

*Discurso na solenidade de assinatura do decreto que cria o Conselho Interministerial do Açúcar e do Alcool (Cima)*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, 21 DE AGOSTO DE 1997

*Senhor Vice-Presidente, Marco Maciel; Senhor Ministro da Indústria, Comércio e Turismo, Dr. Dornelles; Senhores Ministros de Estado que estão aqui; Senhores Senadores; Senhores Deputados; Senhores Integrantes do Comitê Executivo e Consultivo do Cima; Senhoras e Senhores,*

Já desde há muito que nós estamos tratando de definir, de uma maneira mais clara, a questão do setor sucroalcooleiro. Essa não é a primeira vez que muitos de nós, que estamos aqui, nos encontramos. E, em todas as ocasiões, eu expressei o meu apoio ao esforço que foi feito pelo Brasil na montagem do setor sucroalcooleiro e na definição de uma alternativa energética ecologicamente mais correta e com capacidade de oferecer empregos e de economizar divisas. Eu nunca perdi a oportunidade para deixar claro o meu pensamento sobre essa matéria.

Ainda recentemente, nos Estados Unidos – a Doutora Aspásia estava lá –, numa reunião em Nova York, avançamos na mesma direção, em alguns conceitos. E a razão é muito simples. Não é a razão, as razões são muito simples e foram todas elas enunciadas pelo Ministro Dornelles.

Um país como o nosso, em fase, por sorte, outra vez, de expansão, de crescimento, de confiança, não pode desconsiderar o esforço feito – vejam o passado – para que tivéssemos essa possibilidade de, hoje, contarmos com um setor agroindustrial que tem esse grau de competitividade, como aqui foi dito pelo Ministro Dornelles. Essa capacidade produtiva é tão extraordinária que, se nós não tivéssemos a capacidade que temos de utilizar o álcool como fonte energética no Brasil, nós produziríamos um *dumping* internacional no setor açucareiro, que teria efeitos catastróficos.

Então, um país como este, que tem esse setor que emprega nessa proporção e, sobretudo, que foi capaz, com anterioridade, de definir rumos tecnológicos alternativos à utilização, quase exclusiva, do petróleo, não pode deixar de lado esse potencial e, pura e simplesmente, por razões que eu entendo importantes, desconsiderar essa oportunidade de manutenção e de expansão dessa riqueza.

Eu espero que o Cima, constituído agora, no mais alto nível, com a participação efetiva dos ministros que decidem sobre essa matéria, com a participação dos produtores e dos trabalhadores, que até, talvez, se pudesse alargar um pouco, com essa participação efetiva, possa tomar os passos concretos para tranquilizar o setor sucroalcooleiro.

Eu sou de São Paulo. Conheço, não tanto quanto deveria, talvez, mas, conheço razoavelmente a importância do setor no meu estado. Mas não precisa ser paulista, basta ser brasileiro para saber a importância do setor, até porque, como disse o Ministro Dornelles, ele está espalhado em 20 unidades da Federação, muito especialmente no Nordeste, onde o setor tem um significado – pode ser que hoje não seja um significado material tão grande quanto foi no passado – não apenas simbólico, mas um significado efetivo, porque não é fácil buscar alternativas. Algumas estão sendo buscadas. É preciso buscar mesmo, para o plantio da cana, mas, com tudo isso, nós, brasileiros, que conhecemos a situação, temos apenas que nos rejubilar por termos conseguido formar este fórum. Não nos iludamos, os fóruns são importantes na medida em que decidem e na medida em que as decisões são implementadas.

Eu não quero me estender mais, porque creio que tudo já foi dito. Quero apenas deixar aqui um desafio ao Cima e, portanto, ao próprio Governo: vamos decidir, vamos implementar e vamos dar esperanças muito concretas àqueles milhões – porque são milhões – de brasileiros que dependem, basicamente, da estabilidade da produção sucroalcooleira e, também, vamos deixar as nossas cidades respirarem um pouco melhor, mantendo as misturas necessárias, quem sabe, não só na gasolina, mas no *diesel* também, para que possamos ter um futuro mais significativo para o setor sucroalcooleiro.

Muito obrigado aos senhores e parabéns.

